

O FAXINAL DO PRESENTE E O FAXINAL DO PASSADO: TRANSFORMAÇÕES NO USO DA TERRA NO FAXINAL SAUDADE SANTA ANITA – TURVO/PR

FAXINAL – PAST AND PRESENT: LAND USE CHANGE IN THE SANTA ANITA FAXINAL – TURVO/PR

Wladimir Teixeira Schuster¹
Cicilian Luiza Löwen Sahr²

¹ Mestrando em Geografia na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
DEGEO-UEPG, Av. Carlos Cavalcanti, 4748, CEP: 84030-900, Ponta Grossa, PR.
E-mail: <wladimirschuster@yahoo.com.br>.

² Docente do Departamento de Geociências da UEPG

Recebido para publicação em 17/02/2009

Aceito para publicação em 04/04/2009

RESUMO

Na região Centro-Sul do estado do Paraná encontra-se um sistema agrossilvopastoril tradicional, chamado de Sistema Faxinal. Esse modo de uso da terra, de forma genérica, pode ser dividido em dois espaços, separados por cercas ou valos: terras de criar e terras de plantar. Cada uma das comunidades, embora apresente essa estrutura de dois espaços, possui características internas distintas. O objetivo desta pesquisa é apresentar algumas características inerentes ao Faxinal Saudade Santa Anita, localizado no município de Turvo-PR. Para tanto, parte-se de uma pesquisa bibliográfica para identificação das características gerais do sistema, com técnicas de observação direta e vivência junto à comunidade para identificação de suas características singulares e confecção do mapa mental.

Palavras-chave: Sistema Faxinal. Agrossistema tradicional. Turvo/PR.

ABSTRACT

In the Central-South region of Paraná, an agro-forestry system called faxinal can be found. In a general sense, such a land-use type is composed of two different areas, the “terras de criar” (grazing areas) and the “terras de plantar” (planting areas), which are separated by fences or ditches. Though nearly all *faxinals* consist of such a dual structure, they are internally characterized by a high variety of features. The main purpose of this research is to present some characteristics inherent to the Faxinal Saudade Santa Anita, located in the municipality of Turvo/

PR. After some bibliographical research to identify the general characteristics of the system, techniques of direct and participant observation in the community have been implemented to identify the specific characteristics of the system at this specific location.

Keywords: Faxinal system. Traditional agrarian system. Turvo/PR.

1 Introdução

Na região Centro-Sul do estado do Paraná encontra-se um sistema agrossilvopastoril tradicional chamado de Sistema Faxinal. Esse modo de uso da terra, de forma genérica, pode ser dividido em dois espaços, separados por cercas ou valos: as “terras de criar”, que são áreas de uso comum dos moradores, nas quais se preserva a floresta com araucária e onde se encontram suas casas e seus animais; e as “terras de plantar”, que se constituem em áreas de uso particular de cada morador, onde se desenvolve a agricultura de subsistência.

Cada comunidade inserida nesse tipo de sistema possui características internas distintas. Existem alguns estudos que apontam especificidades de algumas dessas comunidades, como o de Carvalho (1984), sobre o Faxinal do Couro, em Irati; o de Nerone (2000), sobre o Faxinal Marmeleiro de Baixo, no município de Rebouças; o de Löwen Sahr e Iegelski (2003), sobre o Faxinal Sete Saltos de Baixo, no município de Ponta Grossa; o de Lemes (2005), sobre o Faxinal dos Lemes, no município de Ipiranga; e o de Souza (2001), sobre o Faxinal Saudade Santa Anita, no município de Turvo.

2 Perspectivas do sistema faxinal

Chang, nos idos dos anos 1980, já apresentava, nas conclusões do seu livro *Sistema Faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná*, que as características do Sistema Faxinal são contrárias às forças capitalistas e, além disso, existe todo um contexto que contribui para a decadência do sistema:

[...] no Sistema Faxinal há uma coletivização do uso das terras de criação. Este espírito de coletivização é antagônico à racionalidade da produção capitalista, onde o privado é tido como

pressuposto inviolável e inquestionável. É devido a este antagonismo que o avanço das forças capitalistas no campo tem significado um constante deslocamento do espaço produtivo ocupado pelos Faxinais. A nível concreto isto se evidencia em forma de desagregação do sistema, da qual não nos falta prova hoje [...] Dentre o elenco dos fatores que de alguma forma contribuem para a desagregação do Sistema Faxinal, pode-se dizer que quatro deles praticamente explicam a síntese do processo: a tecnologia, a valorização da terra, o esgotamento dos recursos naturais e o papel do Estado. (CHANG, 1988, p. 107).

Cunha (2003) ainda registra que o Faxinal, visto como uma das “estruturas territoriais existentes no Paraná”, não recebeu atenção adequada por parte das políticas e/ou modelos desenvolvimentistas, tendo em vista a permanência de um enfoque homogeneizador, uma espécie de imposição.

No Paraná, os estudos e diagnósticos sobre o desenvolvimento rural destacavam uma integração econômica entre as diversas regiões do estado e uma influência de fatores exógenos mais amplos, nacionais e internacionais, que se imporiam às especificidades regionais, o que as tornava pouco importantes. (p. 46).

O autor ainda reforça essa questão em suas conclusões, onde reafirma o descaso com os fatores endógenos das políticas públicas paranaenses:

Demonstrou-se que as políticas públicas, na forma de programas de desenvolvimento ou não, que foram aplicadas às estruturas territoriais existentes no Paraná, possuíam um enfoque homogeneizador que as faziam desconsiderar os diferentes processos endógenos do desenvolvimento rural constatados regionalmente. (CUNHA, 2003, p. 122).

Em relação ao Faxinal Saudade Santa Anita, Souza (2001) trabalha com fases pelas quais este

Faxinal passou, apontando que, a partir dos anos 1950, ocorre a fase de desarticulação do sistema. O autor divide-a em dois momentos: o primeiro indo dos anos de 1950 até 1972 e o segundo, de 1972 até 2000. No primeiro momento, o Faxinal encontra seu limite em três explicações: a ação das madeiras, a peste suína e o incêndio de 1965.

O intensivo desmatamento promovido pelas madeiras, que se deslocam, tão logo exaurem-se as árvores de maior valor deixando para trás um rastro de destruição [...] A peste suína desarticula a economia local [...] O incêndio florestal destrói as cercas do criador e desorganiza de forma generalizada o sistema. (SOUZA, 2001, p. 92).

No segundo momento, o limite do Faxinal está relacionado primeiramente à chegada do migrante gaúcho e de empresas agrícolas e florestais na região:

Esta fase compromete definitivamente os componentes do já frágil Sistema Faxinal que através da crescente descapitalização da maioria das famílias, compromete a comunhão sobre o uso da terra [que] torna-se motivo de disputa frente aos interesses motivados pelo modelo de modernização na agricultura, representado pelos imigrantes gaúchos, empresas agrícolas e florestais. (SOUZA, 2001, p. 92).

Com relação à resistência do Faxinal, Souza (2001, p. 92) afirma que “o Faxinal resiste sustentado pela presença da racionalidade camponesa”, que pode ser representada pelo compadrio, pelo mutirão, pela produção de autoconsumo e, sobretudo, pelo uso comum da terra no criadouro.

Ainda com o objetivo de ter-se uma maior compreensão da realidade na qual se encontram os Faxinais, Silva (2005), com base nas pesquisas de Marques (2004) afirma que:

Os dados evidenciam a situação atual de desagregação a que estão sujeitos os sistemas Faxinais, provocada principalmente pela superação da forma ‘tradicional’ de produção por uma mais ‘moderna’ e tecnicizada, mais racional, dentro da lógica da acumulação capitalista. A característica principal dos Sistemas Faxinais, que é o uso coletivo do meio de produção terra, vai

contra a ótica da racionalidade capitalista onde o privado é tido como pressuposto inviolável e inquestionável. (SILVA, 2005, p. 42).

Outros autores que escrevem sobre o Sistema Faxinal são Löwen Sahr (2006) e Cunha (2005), para quem as comunidades faxinalenses, por serem possuidoras de um patrimônio ímpar, tendem a ressurgir. Löwen Sahr vê os Faxinais como locais dinâmicos, flexíveis e integrativos. A autora coloca que:

Nos Faxinais estão sedimentados mais de 300 anos da história agrária do Brasil, o que mostra o quanto eles são dinâmicos e flexíveis, mas também o quanto são integrativos, tendo reagido a diferentes fases e modificações do sistema social e econômico hegemônico. (p. 22).

A autora aponta possibilidades para o sistema quando inserido nas perspectivas do desenvolvimento sustentável.

A discussão em torno do ‘Desenvolvimento Sustentável’ de sistemas de uso integrado transformou, na atualidade, o Faxinal até então marginalizado pela política da modernização em um sistema agroecológico desejado. (LÖWEN SAHR, 2006, p. 16).

A partir das análises de tais autores, pode-se inferir que esse modo de vida camponês vem sofrendo/e ou resistindo a todo o tipo de pressões, sejam elas endógenas ou exógenas.

3 Apreensão da realidade: a metodologia

Em 2005, com o objetivo de produzir uma base científica de apoio às comunidades de Faxinais, foi criada a “Rede Faxinal Pesquisa”. Essa rede, com caráter multidisciplinar, agrega diversos pesquisadores e instituições. Diferentes temáticas, bem como metodologias e técnicas adequadas aos Faxinais vêm sendo debatidas e aplicadas.

O primeiro contato dessa rede de pesquisa com o Faxinal em estudo – Saudade Santa Anita – foi no ano de 2005. Nessa ocasião, com a ajuda de moradores do local, palmilhou-se o criadouro coletivo com o objetivo de, com o uso de um receptor de

coordenadas, mapear as localizações das residências, das vias e dos diversos tipos de uso que existem no criadouro comunitário: reflorestamento, cultivo, tipos de mata – densa ou limpa – e campos. Os termos “floresta densa” e “floresta limpa” fazem parte do vocabulário dos faxinalenses e foram usados pelos pesquisadores no decorrer das pesquisas.

A segunda visita da rede de pesquisa ao Faxinal foi no ano de 2006, entre fins de maio e início do mês de abril. Nessa ocasião, foram realizadas várias entrevistas com as famílias ali residentes, na busca por informações relacionadas ao surgimento do sistema, sobre as principais espécies da flora existentes no criadouro e seus usos. Foi feita uma visita a vários pontos do criadouro: círculo indígena, fornos, áreas divididas por cercas, padaria coletiva, estufa, lagoas e/ou tanques etc. Também foi apresentado a alguns moradores o mapa de uso do criadouro atual com base em fotos aéreas que permitiram reconstituir o uso da terra no criadouro para o ano de 1980. Com a ajuda dos moradores (faxinalenses), corrigiram-se os usos atribuídos. Além disso, finalizou-se o mapeamento das vias e/ou estradas e algumas residências.

A terceira visita foi realizada no ano de 2007, no mês de agosto. Além da realização de entrevistas com alguns moradores, foi elaborado o mapa mental da antiga área do criadouro. Apresentou-se aos moradores um mapa elaborado com o uso da terra atual e, novamente, com a ajuda dos faxinalenses, este foi conferido. Com o jogo de fotos de 2006, mosaicado e georreferenciado, elaborou-se o mapa de uso da terra da área do criadouro comunitário atual. Com o uso do *software* Arc View GIS® versão 3.2., foi elaborada, no laboratório de geoprocessamento da Universidade Estadual de Ponta Grossa (LABGEO – UEPG), a quantificação da área aproximada do criadouro.

Um mapa mental foi elaborado com a ajuda dos moradores do Faxinal. Observando o mosaico das fotos aéreas de escala 1:25.000 pertencentes ao Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa, os faxinalenses foram construindo um polígono do que seria o criadouro antes dos anos 1980.

Após os trabalhos de campo, os dados foram trabalhados através do uso das ferramentas do sistema de informação geográfica, visando a apontar as transformações no uso da terra no criadouro comunitário. Tomando-se a delimitação atual do criadouro, levan-

tou-se o uso da terra em 1980 (Figura 2). Para uma melhor compreensão, o uso da terra foi classificado em quatro grupos ou classes: o primeiro, denominado de “mata densa”; o segundo, denominado “mata rala”; o terceiro, denominado de “campo”; e o quarto, “terras cultivadas”. Já no mapa para os usos em 2007 foi acrescentado o uso “reflorestamento”, pois este começou no criadouro após o ano de 2000.

4 Faxinal do passado e Faxinal do presente

O Faxinal Saudade Santa Anita possuía no passado (até os anos de 1970/80) uma grande dimensão. Segundo os moradores:

Antes o Faxinal ia até perto de onde hoje é a cidade de Turvo, era muito grande, daqui até lá não tinha plantação muito grande, e as que tinha[m] eram todas cercadas, só casas e animais. Tinha muito porco, cavalo e vaca. Isso tudo que vocês veem daqui até Turvo era o Faxinal, era muito maior que o Santa Anita [...] pra você atravessar ia tempo. (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

A área que o criadouro ocupava antes de 1980 equivalia a aproximadamente 13.300 ha (Figura 1). Convém lembrar que naquela época, como mostra o depoimento anterior, as áreas plantadas eram cercadas. A localidade onde hoje é o Faxinal Saudade Santa Anita era conhecida como Saudade Forquilha, nome que prevaleceu até os anos 1980, época em que dona Anita Schissel, moradora do local, doou um terreno para a construção da igreja e, como forma de agradecimento os moradores passaram a denominá-lo de Faxinal Saudade Santa Anita.

Voltando ao “Faxinal do passado” vemos, através das entrevistas com os moradores, o quanto a área mudou. Verificam-se transformações relacionadas ao modo de produção, às manifestações culturais, ao aumento de áreas com uso particular, à diminuição da área do criadouro etc.

Com relação ao modo de produção de outrora, os moradores colocam que:

Antes nós plantávamos sem usar nada, mas nadinha de adubo ou veneno, a terra dava muito

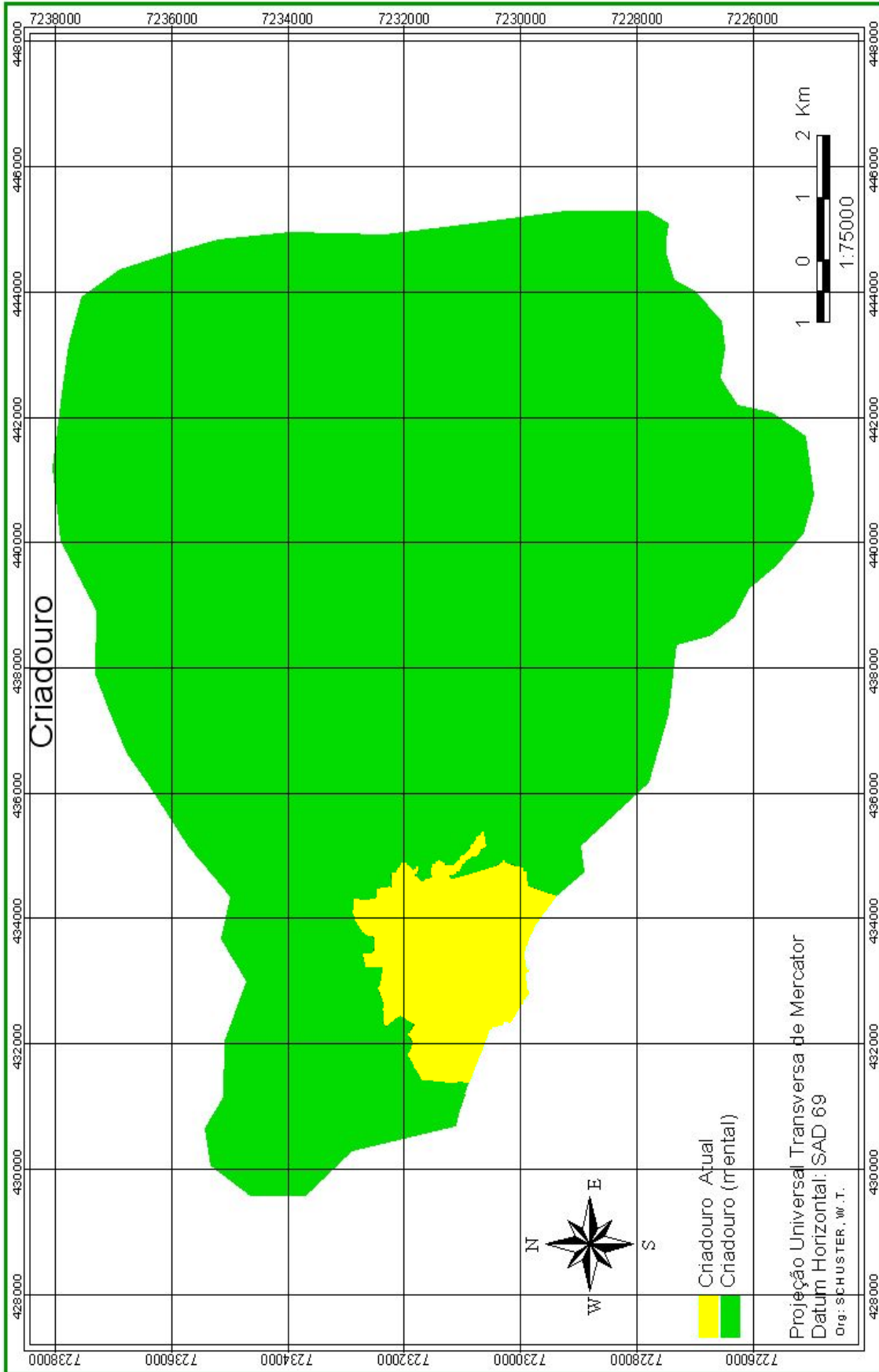


Figura 1. Mapa do Criadouro do Faxinal Saude Santa Anita - Comparativo do limite atual com o de antes de 1980.

Fonte: Moradores do Faxinal.

bem, não precisava comprar semente, nem adubo, nem veneno. Era só deixar e a terra cria uma capoeirinha de uns quatro ou cinco anos [...] daí roçar e torcer pra que queime bem e deixe uma cinza boa e tava feita a adubação, nem suja, e se sujava era só dar uma carpida e depois cortar os brotos ou as samambaias e esperar pra colher. (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

Com relação à delimitação entre terras de criar e terras de plantar, os moradores estabelecem uma grande diferenciação entre o Faxinal do passado e o de hoje:

Antes, mas isso bem antes de 1980, quando eu nem era conhecido por gente, as roças ficavam em lugares que eram fechados, e não eram só pessoas de um Faxinal que plantavam lá, eram de vários Faxinais, tinha os do Saudade Velha, os do Buriti dos Guedes, do Penha, todos faziam suas roças num mesmo canto [...] o Faxinal era bem maior, ia lá pra perto de Turvo [...] todas aquelas roças que vocês viram quando tavam [sic] vindo pra cá eram Faxinal, isso tudo era muito grande, mas foi se acabando e agora só sobrou o Santa Anita. (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

Observa-se, portanto, que as terras de criar (ou criadouro) eram abertas; o que se delimitava e cercava eram as terras de plantar. Como as áreas de plantar algumas vezes ficavam muito longe das residências e para ir até elas diariamente era cansativo, tornou-se comum a existência de um rancho nas terras de plantar. No rancho, os agricultores ficavam de segunda a sexta-feira, ou até mesmo em intervalos maiores, regressando para suas casas nos finais de semana ou dias santos.

Nas terras de plantar, devido à criação de porcos ser voltada ao comércio, a principal cultura era a do milho, destinada à alimentação dos animais. As roças, até os anos 1940, eram fechadas, ora com cercas de lascas, ora com a derrubada de árvores, e quando o milho estava maduro os porcos eram soltos ali dentro, período chamado de fase de engorda. Após essa fase, os porcos eram levados, tocados, para centros de comércio localizados em Palmeirinha e Guarapuava. (SOUZA 2001). Também existia a agricultura de subsistência, onde os principais produtos eram o feijão, o arroz e a mandioca. Em muitos

casos, o excedente era comercializado ou levado até Turvo, onde era trocado por miudezas (sal, açúcar, roupas etc).

A produção da erva-mate também era muito importante para o local – segundo os entrevistados, tinha grande papel no complemento da renda das famílias. Antes dos anos 1980/90, eram os faxinalenses que faziam todo o trabalho com a erva-mate. Era uma época em que a maioria dos moradores do local se inseria nos trabalhos, fossem os proprietários dos ervais, os agregados ou outros moradores. Todos os serviços eram feitos no próprio Faxinal, da poda ao cancheamento, e a erva era vendida por arroba nos centros urbanos. Com o advento das monoculturas, após os anos 1970, muitos dos moradores que cultivavam ervais destocaram as áreas e passaram a plantar soja.

Tem gente que tinha 10, 20 alqueires de ervais e quando começaram a plantar soja por aqui, eles destocaram tudo, compraram tratores e outras máquinas. Foram fazer roças grandes, muitas destas áreas eram lugar de criadouro [...] tem uns destes que fizeram empréstimos nos bancos e não conseguiram pagar, daí tiveram que vender os terrenos, outros tão aí, pior que a gente, trabalham, trabalham [...] só pra pagar as contas. (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

Antigamente, como afirmam os moradores, não havia muitas áreas fechadas dentro do criadouro: cada um tinha um piquete, geralmente ao redor da casa, onde deixava os cavalos pousarem para evitar ter que procurá-los pela manhã. Essa cerca era para vedar apenas a passagem dos animais graúdos/altos (bovinos, equinos, muares). Outras áreas eram destinadas aos mangueirões, locais onde ficavam presos ou dormiam os porcos.

A prática dos mutirões – reuniões das pessoas do Faxinal para fazer um determinado serviço – era comum. Segundo informações dos moradores, os motivos para tais reuniões variavam: podiam ser feitos com o objetivo de ajudar alguém devido a alguma doença, mas também pelo fato de que, após os mutirões, o dono da roça realizava um baile no qual só entravam os participantes, além das mulheres – estas tinham acesso livre. Outra função dos mutirões era a confecção ou manutenção das cercas, da qual geralmente a maioria dos faxinalenses participava.

Algo que trouxe muitas mudanças para a vida dos faxinalenses foi a chegada da eletricidade – e com ela a televisão. Segundo alguns moradores do Faxinal, a partir da disseminação da televisão, a relação de visitas entre as famílias diminuiu. Anteriormente, havia mais procissões, rezas nas casas, terços, novenas e os dias de santos eram “guardados” com maior frequência.

Outros atores que possuíam importância para o sistema eram o inspetor, as benzedadeiras e as parteiras. O inspetor (municipal ou de quarteirão) era incumbido de resolver problemas ou desavenças entre moradores, marcar datas para a manutenção das cercas etc. As benzedadeiras, através de suas orações e chás, amenizavam ou até mesmo curavam vários problemas de saúde. Já as parteiras acompanhavam as gestantes e, em caso de necessidade, faziam os partos.

Diante de toda essa dinâmica, pode-se notar que o Sistema Faxinal mudou. Suas características atuais, embora mantenham algumas das de outrora, delas se distinguem. Elementos de permanência e alguns novos se confundem, caracterizando um Faxinal do passado e um Faxinal do presente.

O Faxinal Saudade Santa Anita, embora mantenha características de outrora, passou por significativas mudanças. A primeira característica que se alterou foi o tamanho do seu criadouro, bastante reduzido. Além disso, as formas de uso dentro do criadouro se modificaram. Embora ainda permaneçam algumas características específicas, como a localização das residências e criação dos animais, têm-se hoje, no interior do criadouro, áreas voltadas para o cultivo de agroflorestas, reflorestamento de *Pinus*, tanques de peixes, estufas para a produção de verduras, fornos de carvão e áreas fechadas de uso particular.

Outro fato relacionado às mudanças no criadouro é a sua constante divisão por cercas, seja para vedar a passagem de animais altos, seja para evitar a passagem de qualquer animal. Um fato curioso e comum no Faxinal ocorre quando os animais dos faxinalenses entram nas áreas que foram transformadas em uso particular. Os proprietários dessas áreas, geralmente moradores contrários ao sistema, acabam ora matando, ora prendendo ou machucando os animais. Quando os animais desses moradores acessam a área do criadouro comunitário, entretanto, nada se faz para que deixem o local:

Se os nossos animais entram nas áreas deles eles matam, ou senão atacam os cachorros, daí eles vêm pra casa tudo cortado de mordidas. Mas quando é [sic] os animais deles que escapam pra dentro do criadouro, eles não tãem aí, é que sabem que ninguém machuca os bichos [...] eles se aproveitam... (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

Atualmente, é difícil, senão impossível, conseguir reunir todos os moradores para manter as cercas. As pessoas, segundo alguns moradores, não possuem mais aquela vontade de fazer as coisas pelo Faxinal deixam as cercas caírem, pois sabem que alguém vai arrumar.

Hoje em dia é difícil conseguir que os moradores ajudem a fazer as cercas. São sempre os mesmos que fazem, um ou outro vem ajudar, mas a grande maioria não, são sempre as mesmas pessoas que ajudam, tem gente que usa o criadouro e não tá nem aí pras coisas, tem pessoas que não têm nada de terreno, moram de agregado, e são contra o sistema [...] já nas outras épocas ia a maioria e quem não podia avisava, dava um jeito de fazer algo. (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

Outro fato peculiar a esse Faxinal é a existência de uma associação de moradores que conseguiu, com a ajuda do governo do estado, adquirir dois tratores com seus implementos. Esses tratores são usados para prestar serviços para os associados, além de gerar emprego para os tratoristas (faxinalenses), que trabalham e ganham por hora. Os sócios pagam para receber o trabalho do trator em valores de litros de combustível (óleo diesel) e o operador recebe uma porcentagem deste pagamento. Esses tratores também prestam serviços para não sócios, mas para estes o preço é mais alto, além de ser um serviço prestado só em épocas em que os associados não precisam.

Desde os anos 1990, com a fundação do grupo GAESSA (Grupo de Agricultores Ecológicos Saudade Santa Anita), estão sendo produzidos no Faxinal produtos agroecológicos. Esses produtos, segundo os moradores, se distinguem dos orgânicos devido ao seu modo de produção, pois são produzidos de forma que o meio ambiente seja respeitado como um todo. Apenas fazem parte do grupo dos produtores agroecológicos aqueles que correspondem às exigências das avaliações. Diferentemente dos produtos vendidos como orgânicos, os agroecológicos não são produzidos apenas com o objetivo de produzir lucros,

mas também por serem um componente a mais na melhoria das condições de vida, seja dos produtores, seja dos consumidores. O lucro que os faxinalenses têm com essa produção é visto como uma consequência e não como objetivo principal.

Foi, todavia, a partir do ano de 2000 que os produtos agroecológicos tiveram maior visibilidade, após a fundação da AGAECO (Associação dos Agricultores Ecológicos). A agroecologia passou a ter um papel importante na renda de muitas famílias do local. Muitos faxinalenses, que trabalhavam como assalariados para fazendeiros ou agricultores (produtores em larga escala), segundo os moradores do Faxinal, voltaram a trabalhar como agricultores após essa iniciativa.

A entrevista com os moradores mostra essa dinâmica:

Aqui em casa mesmo, os meus piá [sic] trabalhavam ou por dia ou por mês pra gente que fazia roça, mas roça grande, eles trabalhavam como empregados dos plantadores de soja e milho [...] depois que foi começado com a produção agroecológica as coisas mudaram, eles voltaram a trabalhar pra eles mesmos, agora eles produzem em cima do que é deles [...] acho que a vida deles melhorou muito com isso. (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

A venda desses produtos é feita em uma feira, realizada no bairro Jardim Primavera, em Guarapuava, e também pela CONAB (Companhia Nacional do Abastecimento), por intermédio de um acordo com o governo federal, onde os faxinalenses oferecem os mais diversos produtos para os colégios e outras entidades públicas do município. Muitos desses produtos oferecidos são feitos em uma padaria comunitária que está localizada dentro do criadouro. Na padaria, as mulheres produzem broas e bolachas dos mais diversos sabores (mandioca, cenoura, beterraba, batata doce etc.). Ainda é comum a produção de doces, compotas, linguiças, salames, charques, rapaduras, cocadas, entre outros produtos. No momento desta pesquisa, a feira era abastecida com mais de 35 produtos.

No criadouro também existem alguns tanques e/ou lagoas, onde são criados peixes (bagres, carpas e tilápias) que ainda não estão sendo produzidos em escala comercial, mas apenas para a venda em certas datas (Semana Santa e Páscoa). Dentre os objetivos dos moradores estão o de aumentar essas criações e

o de ofertar os produtos na feira.

A erva-mate, não como outrora, ainda está presente na economia do Faxinal. No criadouro, existe uma grande quantidade de pés de erva-mate, que de modo geral são sombreados por árvores “maiores”, como o pinheiro, a imbuia, a gabirobeira, entre outras, fator essencial para obter um bom preço por ocasião da comercialização. A erva-mate ainda continua tendo um grande peso na renda de muitos dos faxinalenses e, segundo eles, agora ficou mais tranquilo produzi-la, pois as empresas fazem todo o serviço e eles apenas autorizam a poda e esperam para receber.

Hoje não é mais como era antigamente, que nós fazíamos todo o trabalho com a erva [...] a gente podava, puxava, cancheava [...] agora é só ir atrás da empresa ou mesmo esperar que elas venham aqui em casa e façam todo o serviço [...] é só autorizar a eles pra podarem e esperar pra receber, só que temos que cuidar, tá meio junto, é que eles querem tirar a erva e em qualquer época, não importa se tá ou não na época, daí é fácil dos pés começarem a secar. É só cuidar que a erva dá uma renda boa, tem muita gente que destocou os ervais para plantar soja e acabou perdendo o terreno pro banco, tem outros que tão até voltando a lidar com erva. (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

Nas terras de plantar, a agricultura de subsistência e a produção voltada para o consumo dos porcos (roças de milho) deixaram de ser a principal característica do Faxinal Saudade Santa Anita. Atualmente, é comum a monocultura de soja, além da plantação de *Pinus* e, em menor número, eucaliptos. Também é comum a existência de áreas destinadas ao cultivo de produtos agroecológicos, dentre os quais se destacam o milho, arroz, feijão, soja, mandioca, amendoim, verduras etc. Esses produtos têm como principal finalidade o abastecimento da feira agroecológica e da CONAB.

5 Transformações no uso da terra

As transformações espaciais do uso da terra no criadouro comunitário podem ser observadas a partir do confronto entre o uso em 1980 (Figura 2) e em 2007 (Figura 3). Uma comparação em termos de área dos diferentes usos no período delimitado é apresentada na Tabela 1.

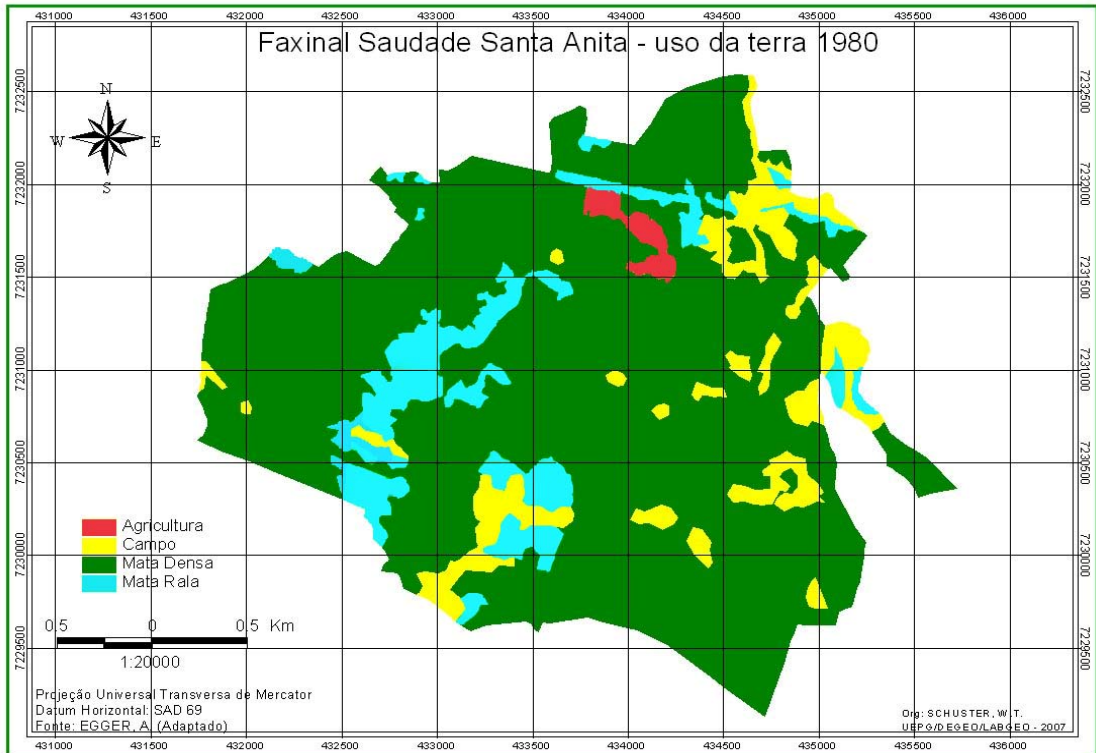


Figura 2: Mapa de uso da terra do criadouro do Faxinal Saudade Santa Anita - 1980
Fonte: 2006 (adaptado)

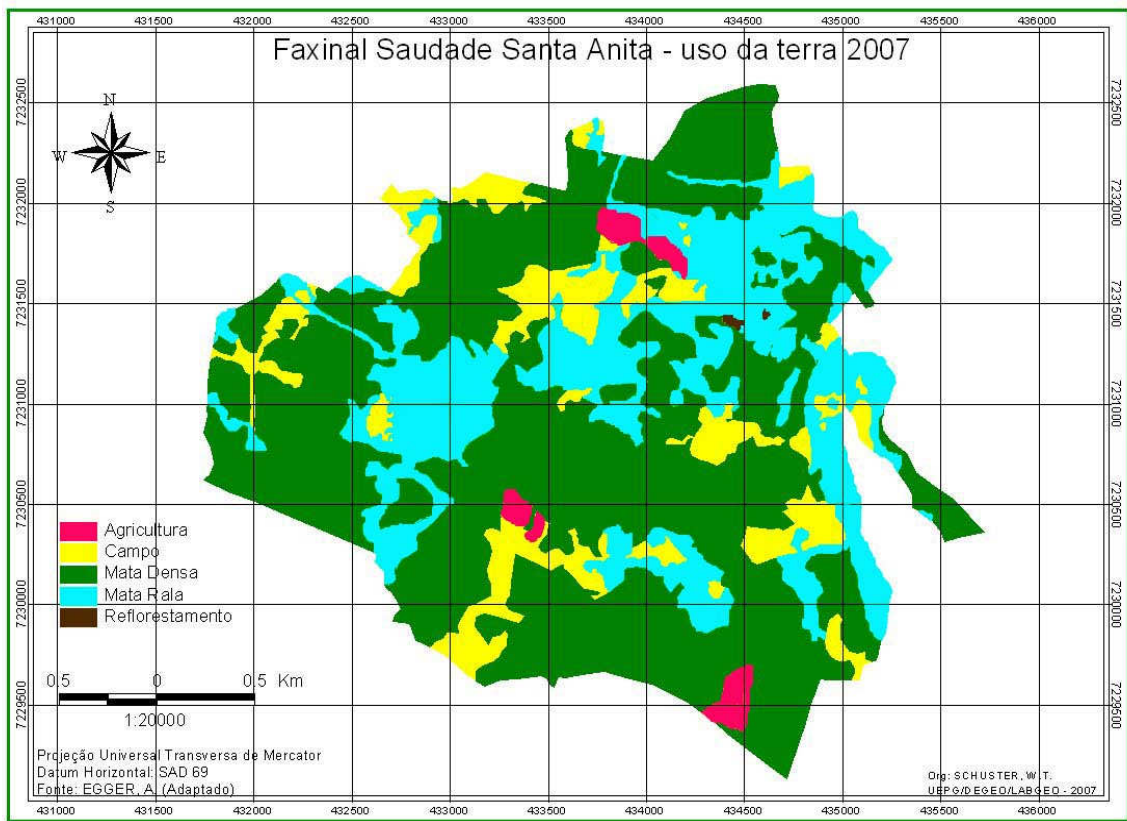


Figura 3 – Mapa de uso da terra no Faxinal Saudade Santa Anita - 2007
Fonte: Egger 2006 (adaptado) Org.: Schuster, W.

Tabela 1 – Comparação do uso da terra no criadouro do Faxinal Saudade Santa Anita entre os anos de 1980 e 2007.

Classe	Área (ha/1980)	% 1980	Área (ha/2007)	% 2007
Mata densa	615,7	81,7	470,2	62,4
Mata rala	64,2	8,5	181,4	24,1
Campo	66,2	8,8	92,5	12,2
Cultivo	7,5	1	8,5	1,2
Reflorestamento	-----	-----	1	0,1
Total	753,6	100	753,6	100

A mata densa ou fechada, em 1980, estava presente em grande parte do criadouro. Ela cobria o equivalente a 81,7% da área do criadouro, o que correspondia a 615,7 ha. Lá, segundo os moradores do local, era comum o aparecimento de muitos animais e pássaros, que atualmente dificilmente são avistados. As principais espécies ali encontradas eram imbuías, canelas, pinheiros, gabirobeiras, cedros, erva-mate, entre outras.

A mata rala ocupava 8,5% do criadouro, o que correspondia a 64,2 ha. Nessa área, as espécies mais comuns eram imbuías, canelas, gabirobeiras e erva-mate, mas, com exceção da erva, em número menor que na mata densa. Em muitos casos, os produtores de erva-mate acabavam raleando ou até mesmo deixando apenas a erva-mate naquelas áreas.

O campo ocupava cerca de 8,8% da área do criadouro, o que correspondia a 66,2 ha. Este era natural na sua menor parte, sendo a maior parte resultado do desmatamento que ocorria no local. Muitas vezes os proprietários limpavam certas áreas para deixar os animais fechados, o que servia como uma espécie de “potreiro”.

A área de cultivo abrangia apenas 1% da área do criadouro, correspondendo a 7,5 ha. Isso indica que as contradições internas ao sistema não surgiram apenas após os anos 1980. Naquela época, como pode ser visto, já ocorriam usos que eram de cunho particular na área do criadouro, vindo a indicar, de certa forma, a complexidade da conceituação de Sistema Faxinal.

Atualmente, a área de mata densa é de 470,2 ha, o que corresponde a 62,5% da área do criadouro. A área de mata rala ocupa 181,4 ha, correspondendo a 24,1% da área total. A área de campo ocupa 92,5 ha, indicando que, da área total do criadouro, este modo de uso ocupa 12,2%. A agricultura ocupa 8,5 ha, o que corresponde a 1,2% da área do criadouro e

o reflorestamento de *Pinus* ocupa 0,1% da área, correspondendo a 1 ha da área total.

Löwen Sahr (2005, p. 59) aponta que “é nas matas dos Faxinais que encontram-se as reservas mais originais do bioma da Mata Atlântica”. O que se observa no Faxinal Saudade Santa Anita, todavia, é que esse bioma vem sendo alterado, embora ainda se

constitua numa reserva importante quando se analisa o contexto regional.

A partir dos resultados apresentados na Tabela 1, nota-se como as áreas sofreram mudanças. Pode-se, com o auxílio das entrevistas efetuadas no Faxinal, inferir que essa dinâmica e/ou transformação tem um “caminho” e um objetivo. Esse objetivo, segundo alguns moradores, é ir aumentando as áreas de campo, voltadas para formação de pastagens naturais e, em muitos casos, torná-las áreas para o uso da agricultura.

O depoimento abaixo refere-se a um local onde o raleio estava começando:

Veja, nesta área eles tão começando a ralear as árvores, cortam uma aqui e outra ali, vão derrubando e empilhando [...] essas pilhas de lenha vão para os fornos de carvão, é que eles têm licença pra fazer carvão de tocos de imbuía e nós de pinheiros, do tempo que as serrarias cortaram [...] aí a venda de carvão ajuda nos ganhos dessas famílias. (MORADORES DO FAXINAL, 2007).

Esse ciclo ao qual os moradores se referem pode ser notado nas análises dos mapas de usos (Figuras 2 e 3). No intervalo de 27 anos (1980-2007), a área que diminuiu da classe da mata densa é proporcional às áreas que aumentaram nas classes de mata limpa, campos, cultivos e áreas de reflorestamento. Surgiu, ainda, um outro uso, o de reflorestamento, que corresponde a 1 ha, ou seja, 0,1% da área atual do criadouro. Ao somar-se as áreas dos usos que aumentaram (mata rala, campo, cultivo e reflorestamento), verifica-se uma área total de 145,5 ha, que quando subtraída da antiga área de mata densa corresponde ao mesmo resultado. Isso significa que, em 27 anos, 19,3% da mata densa foi transformada em outros usos.

Embora esses dados revelem como as áreas estão sendo alteradas, não se pode afirmar que o Faxinal irá acabar. Acredita-se que essas transformações fazem parte de todo um contexto pelo qual o sistema está passando, sendo esses resultados frutos de aproximadamente 27 anos de mudanças. Atualmente, existe no Faxinal uma maioria significativa de moradores que busca fazer um uso sustentável da área do criadouro, os quais, com o auxílio de ONGs e da Pastoral da Terra, vêm tentando sensibilizar todos os faxinalenses para a importância da manutenção da fauna e da flora características do local.

A partir das possibilidades dos moradores virem a ter uma renda maior com o cultivo de produtos agroecológicos, com a fabricação de produtos artesanais, a venda de erva-mate sombreada (que tem maior valor que as não sombreadas) e as agro-florestas, nota-se que várias situações favoráveis à continuidade do sistema começam a surgir. Com isso, pode-se observar que o Faxinal Saudade Santa Anita tem possibilidades concretas de vir a inserir-se (se é que ainda não está) dentro de perspectivas de um desenvolvimento territorial sustentável.

6 Considerações finais

Este estudo foi realizado com o objetivo de trazer mais contribuições para as discussões em torno do Sistema Faxinal, discussões estas que são vistas como um dos principais meios de se aprofundar o entendimento deste sistema, o qual, embora antigo e com singular importância, ainda não usufrui de um tratamento particular, voltado para suas especificidades e características.

Diante da dificuldade ou até mesmo impossibilidade de se elaborar conclusões definitivas sobre o Sistema Faxinal, o que moveu esta pesquisa foi a possibilidade de trazer para o palco das discussões questões fundamentais sobre esta temática, tais como as transformações do uso da terra, as características do sistema etc. Ter um Faxinal específico como estudo de caso – o Faxinal Saudade Santa Anita, localizado no município de Turvo, PR – possibilitou ainda uma aproximação dos investigadores com a comunidade local.

Inseridos numa nova realidade, os Faxinais começam a sofrer várias transformações; suas características particulares mostram-se ora ativas, ora

passivas diante das novas dinâmicas, sejam elas globais ou locais. Essas transformações trazem para os Faxinais duas possibilidades, discutidas por diferentes autores nas décadas de 1980 e 1990: uma delas é a desarticulação, ou seja, o fim dos Faxinais; a outra é a sua readequação. Nesse sentido, a luta dos faxinalenses parece vir trilhando esse novo contexto de readequação.

Outro ponto considerado importante para o Sistema Faxinal está relacionado à falta de incentivos voltados para essas populações especificamente. Os programas que visam ao “desenvolvimento” das regiões na maioria das vezes possuem um caráter homogenizador, que no caso dos Faxinais acaba sendo negativo, pois não levam em consideração questões particulares. Seriam necessários projetos ou até mesmo programas de governo que tivessem caráter regional e viessem a corresponder às expectativas dos Faxinais em suas características particulares.

Analisando o caso específico do Faxinal Saudade Santa Anita, acredita-se que, a partir da análise dos mapas – primeiramente do mapa mental, que mostrou as proporções abrangidas pelo criadouro comunitário antes dos anos 1980 e sua gradativa redução, e em um segundo momento dos mapas de uso da terra dos anos de 1980 e 2007 – e das entrevistas com os moradores é possível verificar as transformações que ocorreram neste período. Convém ressaltar que essas transformações não se restringem apenas às mudanças mostradas pelos mapas, mas também ocorreram mudanças nos costumes do grupo de moradores, ou seja, em uma esfera muito significativa, que é a esfera cultural dos faxinalenses.

Também é de crucial importância ter-se em pauta que as comunidades faxinalenses distinguem-se umas das outras. Sendo assim, vê-se que, embora todas tenham recebido os mesmos (des)estímulos – influência da lógica de acumulação capitalista, mudanças no uso da terra do criadouro etc. –, elas não tendem a dar a mesma resposta: desarticulação do sistema. Ao contrário, têm-se exemplos de comunidades que se readequam à nova realidade, como é o caso do Faxinal Saudade Santa Anita. Essa comunidade, em vez de desarticular-se, vem inserindo-se novamente na economia local através de novas formas de produção (agroecológica e artesanal), proporcionando aos faxinalenses a possibilidade de sua reprodução social.

Essa inserção na economia local pode ser vista como reflexo das perspectivas relacionadas ao desen-

volvimento territorial sustentável, onde os aspectos físicos e econômicos integram-se a uma dimensão sociocultural da população local e, certamente a prosperidade do sistema será a consequência.

Referências

- CARVALHO, H. M. de. **Da aventura à esperança: a experiência auto-gestionária no uso comum da terra**. Curitiba: 1984. (mimeografado)
- CHANG, M. Y. **Sistema faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-sul do Paraná**. Londrina: IAPAR, 1988, 124f. (Boletim nº 22).
- CUNHA, L. A. G. **Desenvolvimento rural e desenvolvimento territorial: o caso do Paraná tradicional**. Rio de Janeiro, 2003. 136 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Agricultura) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- EGGER, A. **Investigação geo-ecológica no sistema faxinal**. 2006 (Palestra).
- LEMES, E. C. **Da sustentabilidade do sistema faxinal a subordinação à agroindústria do fumo: a desagregação do faxinal dos Lemes no Município de Ipiranga – PR**. Ponta Grossa, 2005, 98p. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- LÖWEN SAHR, C. L. O pré-moderno na pós-modernidade: refletindo sobre as comunidade de Faxinais da Floresta com Araucária do Paraná. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 18, 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro : UERJ, 2006. v. 1. p. 1-25.
- _____. O pré-moderno na pós-modernidade: refletindo sobre as comunidades de faxinais da floresta com araucária do Paraná. In: MARAFON, Gláucio José; RUA, João; RIBEIRO, Miguel Ângelo. **Abordagens teórico-metodológicas em geografia agrária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 207-223.
- _____.; IEGELSKI, F. **O sistema faxinal no município de Ponta Grossa: diretrizes para a preservação do ecossistema, do modo de vida, da cultura e das identidades das comunidades e dos espaços faxinalenses**. Ponta Grossa, 2003. 108p. (Relatório Técnico) – Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.
- _____.; CUNHA, L. A. G.. O significado social e ecológico dos faxinais: reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da mata com araucária no Paraná. **Revista Emancipação**, Ponta Grossa, v. 5, n.1, p. 89-104. 2005.
- MARQUES, C.L.G. Levantamento preliminar sobre o sistema faxinal no Estado do Paraná. In: **Relatório de Consultoria Técnica/IAP**. Guarapuava, 2004. 192p. (Mimeo).
- MORADORES DO FAXINAL. **Faxinal Saudade Santa Anita** [ago. 2007]. SCHUSTER, W. T. Turvo: Faxinal Saudade Santa Anita. 2007. mp3.
- NERONE, M. M. **Terras de plantar, terras de criar: sistema faxinal: Rebouças – 1950 -1997**. Assis, 2000. 286 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista.
- SILVA, M. **A contribuição de florestas de araucárias para a sustentabilidade do sistemas faxinais**. Curitiba, 2005. 122 f. Dissertação de Mestrado.
- SOUZA, R. M. **Transformações econômicas e sociais e trajetória na agricultura familiar: estudo de caso sobre a desconstrução da autonomia Familiar no Faxinal Saudade Santa Anita, Turvo – PR**. Santa Maria, 2001. 135 f. Dissertação de Mestrado.